

12^o Nova 3526,65
P. 11/12, 155 (antigo)

PROTECCÃO A' FRANCEZA.

. . . . *Decipimur specie recti.* . . .

Hor. Art. Poet. v. 25.

Com a imagem do bom nos enganâmos.

QUE vem a ser ter entrado
Dias antes do Natal
Tropa estranha em Portugal
Mal calçada, e mal vestida,
Esfaimada, e intorpecida
De cançasso, ou de fraqueza?
He protecção á Franceza.

Que vierão cá fazer,
Sem lhes mandarmos recado?
Comerem-nos pão, e gado,
Pondo tudo em confusão!
Desta gente a protecção
Tem diversa natureza!
He protecção á Franceza.

A

Dei-

(2)

Deixem-se estar socegadas

As Proclamações dizião:
Pilhavão tudo, que vião,
Com systema de terror;
Mas este grande favor,
Feito á gente Portugueza,
He protecção á Franceza.

Condemnar como emigrado, . . .
Quem foi para o que era seu,
E que nenhum poder deu
A barbaros protectores!
Isto, meus ricos Senhores,
He cubiça muito acêza,
He protecção á Franceza.

Cambiar nossas bandeiras
Por bandeiras de taverna,
Mostrando o bem que governa
Quem a tudo chama seu;
Depois quem perdeu, perdeu:
Este affecto, esta grandeza
He protecção á Franceza.

Pe-

. . . I A viagem que fez para a America o nosso amabilissimo Principe Regente com toda a Familia Real.

(3)

Pedir dinheiro emprestado
Com politicas razões,
Depois quarenta milhões,
Resgate dos nossos bens,
Extorquir-nos os vintens,
Deixando tudo em pobreza,
He protecção á Franceza.

Na astuta contribuição
Fazer que entrasse a quantia,
E que depois se veria
Se era bem, ou mal entrada,
He proprio d'alma damnada,
He força, não inteireza,
He protecção á Franceza.

Tirarem estes Baixás
Pão a quem mais pão não tem, . . . 2
Porque só lhes sabe bem
Hum rendimento de estrondo,
Só aos seus nos cargos pondo,
Tão desmarcada avareza
He protecção á Franceza.

A ii

Obri-

. . . 2 As occupações, que se tirarão a muitas pessoas, criando-se empregos novos para Francezes com ordenados avultadissimos.

(4)

Obrigar aos Mercadores,
Que a fazenda já comprada,
Para se vêr resgatada;
Pague huma nova quantia,
Vingança, que recahia
Só na nação Portugueza,
He protecção á Franceza.

Com capa de economia
Pôr tudo em consternação,
E a Quinta do Ramalhão
Servindo do que eu cá sei,
Sem honra, sem fé, sem lei;
Isto, ó gente Portugueza,
He protecção á Franceza.

Fazer bailes, e banquetes,
Cercando a porta de peças,
E o povo só com promessas,
Sem ter para vaca, e pão,
Este arranjo, e protecção
Para a misera pobreza,
He protecção á Franceza.

Des-

(5)

Desterrar nos a Regencia,
Coarctar os jornaes á gente,
Mandar vir novo Intendente,
Que leve tambem nõ bõlo,
Fazendo o Público tolo,
Que conhece esta surpresa,
He Protecção á Franceza.

Consistir recta justiça
E boa administração
Em matar o gato, e o cão,
No mais jogando-se o pilha,
Esta grande maravilha,
Este rasgo, esta limpeza,
He Protecção á Franceza.

Abrir do Correio as cartas
Para fazer criminosos,
Pondo os póvos receosos
De escreverem as verdades,
Este montão de maldades
He do juizo fraqueza,
He Protecção á Franceza.

Al

(6)

Alguns dos nossos tem culpa
Dos males, que se fizerão;
Com as denuncias, que derão,
Manchárão seus semelhantes:
Mas ouvirem-se tratantes,
E muita gente ser preza,
He Protecção á Franceza.

Pôr tudo a pedir esmola,
Desarranjar arrançados,
Fazer póvos desgraçados,
Pondo mordanças nas bôcas,
Só cabe em cabeças ôcas;
Mas esta grande altiveza
He Protecção á Franceza.

Desarmar o Povo todo,
Mandar-nos a Tropa embora,
Pôr a Fidalguia fora,
E depois até fazer
Pedir o que ninguem quer, 3
Tão baixa delicadeza
He Protecção á Franceza.

Man-

. . . 3 A violencia, que fez com que os leaes Magistrados, e mais Pessoas assinassem hum papel, em que se pedia novo Rei: acto, que se ultimou com a maior repugnancia, e desconsolação de todos.

(7)

Manchar Inglaterra, e Hespanha
Com muita descompostura,
Quando da França a impostura
Tem posto a França por terra,
Prégar paz, e fazer guerra
Aos que tem mando, ou riqueza,
He Protecção á Franceza.

Roubar os Templos Sagrados,
Roubar a Casa Real,
Entrar na Patriarchal
Em nove mezes hum dia!
Portugal, quem tal diria!
Mas este mal, que te leza,
He Protecção á Franceza.

Entrar nas casas dos grandes,
Destruir o que ellas tem,
Sem lhes custar hum vintem,
Querendo affectar por lôgro
Villão em casa do sôgro:
Tão descarada esperteza
He Protecção á Franceza.

Di-

(8)

Dizerem que são Christãos,
Sendo na Lei mascarados,
Roubar os vasos Sagrados
Com sacrilegio tremendo,
Na Igreja bestas mettendo;
Este insulto, esta baixeza
He Protecção á Franceza.

Por vingança ir aos Conventos
E com rancor, sem piedade
Matar o Clerigo, e o Frade,
As Freiras ir perseguir,
Fazer os povos fugir,
E nos seus bens fazer prêza!
He Protecção á Franceza.

Se os Mouros aqui tornassem,
Outro tanto não farião:
Se os Francezes protegião
Os mais Reinos desta sorte,
Já sabem que o saque, a morte,
A fome, o engano, a fereza,
He Protecção á Franceza.

Man-

Mandar pôr a gente em marcha ,
Ouvir de hum Sirio o tambor , . . . 4
Com denodado valor ,
Lançar-lhe mão da bandeira ,
Vir na gazeta primeira
Por façanha a grande empreza ,
He Protecção á Franceza.

De igual fórma Dom Quixote
Ao longe os moinhos vendo ,
Enrista a lança , e correndo
Esfrangalha , fura , impelle ,
Mas a quem protegeo elle ?
Aos moinhos : tal fraqueza !
He Protecção á Franceza.

Perder a vida hum Soldado ,
Que em saques foi cão de fila ,
E achar-se-lhe na mochila
Orelhas , e mãos cortadas ,
De brincos , e anneis ornadas ,
Este horror da natureza ,
He Protecção á Franceza.

B

Fu-

. . . 4 O Cirio da Ameixoeira , com que a Tropa Franceza investio destroçando-o em fórma de batalha , em que os Francezes vencêrão a Bandeira de N. Senhora , que veio para o Quartel General , por testemunho daquella victoria.

Fuzilar gente nas Caldas,
Sem dó, sem humanidade,
Soffrer igual impiedade
Evora, Béja, Leiria,
Minha patria: oh tyrannia!
Este excesso de crueza
He Protecção á Franceza.

Querer sujeitar o Povo
Com tramoias desfarçadas,
Com compras atraçoadas,
São acções de alta memoria;
E quem lêr a nossa Historia,
Verá, que tanta vileza
He Protecção á Franceza.

Deixar impunes os crimes,
Quando algum dos seus os faz,
E fuzilar hum rapaz, 5
Cuja culpa era a demencia,
Faz gritar a consciencia:
Despotismo sem defeza
He Protecção á Franceza.

Con-

. . . . 5 Execução feita na Praça do Commercio,
aceleradamente, sem formalidade de Justiça.

(II)

Consentir que a tropa brava
Queime olivães, vinhas corte,
Dando sentença de morte
Aos bois de carro, e de nora,
Sem compaixão de quem chora,
E de quem fica em pobreza,
He Protecção á Franceza.

Podia-se bem compôr
Hum Cathalogo de petas
Dos Editaes, e gazetas
Destes nossos protectores;
Mas serem huns impostores,
Com capa de singeleza,
He Protecção á Franceza.

Porém faça-se justiça;
Nem todos tão máos serião;
Porque eu sei que alguns vivião
Prudentes, bem inclinados;
Mas em maça encorporados
Seguir do todo a fereza
He Protecção á Franceza.

Os cem Meninos perdidos, . . . 6
Que não negão, que ha hum Deos,
E que os sentimentos seus
São cheios de honra, e constancia,
Vem abater a jactancia
De huns monstros, cuja altiveza
He Protecção á Franceza.

Isto são puras ver lades,
Praticadas sem desculpa:
O Menino não tem culpa;
Tem-na quem o cá mandou:
A Passarola voou,
E se for morta, ou for prêza
He Protecção á Franceza.

D É C I M A.

Esse que teve em Lisboa
De Intendente a graduação,
Tinha toda a negação
Para fazer cousa boa:
Era muito má pessoa,

E

. . . . 6 Soldados Inglezes tratados por irrizão em
huma gazeta, pelo nome de cem Meninos perdidos,
porque saltarão nas nosças Praias, em nossa deteza.

(13)

E bem se vio no que fez ;
Só de sinaes tinha tres,
Com que a gente se zangou,
Sempre o maldito mostrou
Ser ímpio, calvo, e Francez.

S O N E T O.

Suspendei, Deos Eterno, impulsos de ira,
Descance de gerar a Humanidade,
Que ao pezo de oppressões de crueldade,
Sucumbe tudo, que entre nós respira:

Se a guerra contra os homens se conspira,
E não tendes de nós, Senhor, piedade,
Confunde-se a Innocencia co' a maldade,
E envôlto em sangue, e pó o Mundo espira:

Vós sois hum Deos de Paz, de Vós emana
Huma vez o perdão, outra o castigo,
Que ao vivente illudido desengana:

Mas dos filhos, hum Pai foi sempre abrigo,
Deiramai a união na especie humana,
Não mais assole a terra hum inimigo.

S O.

S O N E T O.

Não basta do homem ser tão curta a vida,
De mágeas, e infortunios rodeada?
Inda a procura vêr sacrificada
Ao ferro, ao fogo em guerra desabrida!

Ha de ser huma fera embravecida,
Nunca de sangue humano saciada!
Ha de a terra de corpos vêr juncada,
Sendo do seu igual bravo homicida?

Mania horrenda! propensões estranhas!
Que mais fazem os brutos, que não seja
Comer, dormir, brigar nessas montanhas?

Em guerra acabe quem pugnar deseja,
E roão-lhe as malélicas entranhas
Raiva, intriga, ambição, capricho, inveja.

S O N E T O.

Impio de coração tão bronzado,
Surdo a desgraças, surdo á voz da morte,
Que expõe os seus da guerra á dura sorte,
Só de ambição, e gloria enthusiasmado!

Que se apraz de vêr sempre separado
Do pai o filho, a esposa do consorte,
Que só o torpe Egoismo tem por Norte,
De troféos, e thesouros esfaimado!

Monstro, que o que respira são venenos,
Com que impesta os mortaes, e que só preza
Ser flagello de grandes, e pequenos!

He no mundo hum abôrto de estranheza,
Homem não póde ser, e bruto menos;
Porque nem segue a lei da Natureza.

S O N E T O.

H Um homem com cabeça de donato
Tendo por barretina hum a caneca,
Os olhos gázios, bôca d'alforréca,
O pescoço estendido como gato:

Borjaca çuja, e rôta por ornato,
Espada, que andou já por céca, e Méca,
Calças de brim na perna núa, e sêca,
Os de los quasi fóra do çapato:

Huma pele de cabra sôbre o lombo,
Cabacinha, panela, e caçarola,
Espingarda, que leva muito tombo:

Eis hum Guerreiro da Franceza Escóla,
Agudo em manhas, em juizo rombo,
Que outro Deos não tem mais que a passarola:

*A Praga de Portugal,
Já lá vai, já se acabou,
Devia queimar se vivo,
Quem tal praga desejou.*

G L O S A

I.

Bemdito seja o Senhor,
Que castigando as Nações,
Em tantas perseguições,
Portugal ficou melhor:
O tormento foi menor,
Não foi ás culpas igual;
Que podia em caso tal
Ser de Francezes malditos,
Como a praga dos mosquitos,
A Praga de Portugal.

C

II.

II.

Esta tropa de Infiéis,
Veio núa, e destreçada,
Depois vestida, e calçada
Alçou bandeira, e deo leis;
Prometteo muito em papeis,
E a quanto disse faltou;
Mas como em nós Deos achou
Emenda, e resignação,
Este jugo, esta oppressão
Já lá vai, já se acabou.

III.

Botar a baixo a Regencia,
Pôr tanto tributo novo,
Fazendo de tudo ao povo
Huma servil dependencia;
Levantar nova Intendencia
De Juizo privativo;
Estas cousas dão motivo
A sentenciar verbalmente,
Que o desalmado Intendente,
Devia queimar-se vivo.

IV.

(19)

IV.

Que tal era a Protecção,
Que esta canalha nos dava?
Só á Tropa se pagava,
Nós ficavamos sem pão:
Traidores, não nos dirão
Quem para cá os chamou?
Bonaparte variou
Em mandar tão boas rezes,
Leve o diabo mil vezes
Quem tal Praga desejou.

Ao mesmo.

G L O S A

Em que falla huma Velha.

I.

Que mal passa quem mal come,
E vive, sem ter esteio!
Desne que esta gente veio
Ando cahindo com fome:
Se fora vivo o meu home
Inda iria menos mal;
Mas viuva, e sem real
Aturando o que eu aturo!
Abris nuncio, eu escunjuro
A Praga de Portugal.

C ii

II.

II.

Em menos de nove mezes,
Esta tropa escomungada,
Deixou a gente arrastada,
E com roupa de Francezes:
Mas dos nossos Portuguezes
Sempre o vitro se esperou;
Já não morre quem fallou,
Já eu de fallar me farto,
Que o Intendente Lagarto
Fá lá vai, já se acabou.

III.

Eu li huma carta hum dia, . . . 7
Que andava nas mãos de hum cêgo,
O' visinha, eu te arenego,
Muitas asneiras dizia!
Dava á França a primazia,
Punha Portugal captivo;
Visinha, deo-me motivo
A dizer de asneiras farta,
Que o Doutor, que fez tal carta,
Devia queimar-se vivo.

IV.

. . . 7 Carta escrita por hum amigo de Lisboa a outro da Provincia com a data de 26 de Maio obra feita por hum apaixonado dos Francezes a quem os rapazes na rua chamão Doutor.

(21)

IV.

Em nome da benta hora!
Vêr Francezes, nem pintados;
São homens atraçoados,
Huns por dentro, outros por fora:
Tudo foi de voz em foia
Desne que esta gente entrou;
Assim velha, como sou,
Avera d' eu alcançar
Ser bruxa, para esganar
Quem tal Praga desejou.

Ao mesmo.

G L O S A

Em que falla hum Pescador.

I.

Quero contas, Mestre Arrais,
E pagará quem dever,
Vou na Arrábeda ver,
Ao barco não torno mais:
A Moça, que eu tinha ao caes
Deixia pelo Natal,
Já não quero ver mal,
Pois tenho fei, em que Deos
Mandou por picados meus
A Praga de Portugal.

II.

II.

Não quero tomar cegarro,
Nem quero mais bober vinho,
Que o andar por máo caminho,
He ter alma de chicharro:
Sei que ha de fazer-me em barro
Quem de barro me prantou;
Francez nunca fui, nem sou,
Sou Chrestão, sou folha velha,
O jôgo, a amiga, a botella
Fá lá vai, já se acabou.

III.

Se eu tevesse vida boa,
Não fosse peccadorão,
O Labôrra, e o Lazão
Não vinhão cá a Lesboa:
Tevemo-los pela prôa,
Mas foi por este motivo,
Ando a xismar pinsativo,
Que cá por certas rezaens,
Este bando de ladraens
Devia queimar-se vivo.

IV.

Ah minha rica Rainha!
Que pela sua intenção
Di de esmola a hum ermetão
Hum barrete de sardinha:
Esta sim, que he gente minha,
Para mim França mancou,
A casa de Deos roubou,
Poz tudo a morrer de mingoa,
Estipôr tenha na lingoa
Quem tal Praga desejou.

A D I V I N H A Ç Ã O.

De trovisco fui a cedro,
As raizes espalhei,
E a tudo, a que chegar pude,
Com meus ramos açoutei:
Como Lucifer com Deos ?!!!
Eu contra Deos me attrevi,
Veio hum raio vingador,
Cortou-me os troncos, cahi:
Adivinhem, meus Senhores,
Que ella está feita com arte;
O consoante os ensina,
Vejão lá se he

*possivel ser demonio
com o diabo para arte*

Ven-

x não é isso?

CAC.

Vende-se esta Obra na Loja da Gazette; na do Madre de Deos ao Rocio; na de Luiz José de Carvalho aos Paulistas; no Livreiro ao pé da cancella de Alcantara; e em Belém na Loja de Capella de José Tiburcio.

Vão a continuar-se os Folhetos da Camara Optica até ao Número 12.

LISBOA. M. D. CCCVIII.

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.